

Transcrição
Memórias do Brasil
Nildão

Intro

Nuvens no céu azul.

(V.O) NILDÃO: "Céus, sem azuis, sem arraias, saudades das nuvens cambraias, são essas aí". *(sobe música de fundo)*.
Nildão na Varanda, câmara o acompanha até o parapeito.

(v.O) Nildão: "Na borda do dia sento, sou vigia do tempo".
Eu fico aqui nessa borda, vigia das nuvens passando. Eu sempre tô falando de nuvens, dançando valsas, nuvens descalças. Maiakovski escreveu o livro: Nuvens de Calças. E eu escrevi o livro Nuvens Descalças. Olha aonde eu cheguei; colado em Maiakovski *(risos)*.

Vinheta de abertura.

Bloco 1

(PM) NILDÃO: O humor é surpresa, é a capacidade que o ser humano tem de transformar a realidade.

(PM) RENATO DA SILVEIRA: Essa é a função do humorista; é de melhorar o astral da vida, da vida coletiva, da vida individual.

(PM) DONA ANA: Eu acho que alivia a tensão nervosa do mundo que está.

(PM) NILDÃO: Por que a qualidade de quem faz humor é ver a sociedade e ver as coisas que estão acontecendo por trás dos fatos; A gente consegue ver por trás para poder desnudar e olhar e apontar: Olha fulano de tal está nu. Você tenta mostrar para as pessoas que aquela situação as vezes ela é ridícula, mesmo que para as pessoas aquilo pareça extremamente normal.

(PM) RENATO DA SILVEIRA: Existe uma consciência muito clara, de que essa solenidade muito grande, ela precisa ser desconstruída um pouco na brincadeira, porque senão a vida social vira uma coisa muito sufocante. O humor é um benefício para a vida social.

(PM) GIOVANNI SOARES: A gente tira onda com tudo. Então cara, é uma coisa impressionante a capacidade que o brasileiro tem de fazer humor, as vezes da coisa mais bizarra do mundo vem um vento favorável de humor assim. É muito interessante.

(PM) NILDÃO: É essa que á lógica do humor: É fazer com que aparentemente seja trágico, que pelos enquanto a tragédia não se abata sobre nós, ele seja engraçado.

(PM) CAU GOMES: Necessariamente não é ficar escancarando os dentes. Necessariamente, talvez, não é uma gargalhada que vai resolver essa coisa do humor. Talvez o que mais me chame à atenção é por que você lidar com um certo sorriso permanente dentro de você.

(PM) RENATO SILVEIRA: Quem é que consegue viver essa vida massacrante que a gente vive sem dar uma boa gargalhada de vez em quando. O humor é uma coisa importantíssima na vida das sociedades.

(PM) NILDÃO: A grande tragédia é quando você faz com que o ser humano se transforme em um homem sério. Você pode ser uma pessoa engraçada, bem humorada e ser também uma pessoa responsável e competente no que você faz.

(PM) CAU GOMES: Tem uma coisa também que ele coloca num livro, que ele até fez uma dedicatória para mim, que tá até aqui. (PD livro do Nildão) que eu gosto de ver essa dedicatória: "Cau, rir ainda é o melhor remédio, com carinho Nildão".

(PM) GUTO LACAZ: As pessoas gostam de ver um trabalho que tem humor. Eu percebo assim, é uma forma de compreensão de um trabalho é via humor, a pessoa olha aquilo e sorrir, e a pessoa quando sorrir ela usou todo aparelho óptico e psíquico e sintetiza num sorriso. Acho bem forte, como resposta para o que a gente faz.

Nildão caminha na Praça Cairu.

(V.O)00:04:30: Nildão é figura mais leve que eu conheço, então um cara inteligente, bem humorado.

(V.O)00:04:38: Ele é muito engraçado na vida cotidiana, é muito legal conviver com ele, por que as vezes você não tá legal, tá mal humorado, e o cara se sai com uma piada surpreendente.

(V.O)00:04:50: Ele cria no momento, as vezes ele tá numa conversa para um lado, e de repente surge uma palavra e daquela palavra forma uma piada.

(PM) GUTEMBERG CRUZ: Quem quiser conhecer a cidade do Salvador, dos anos 70 aos dias de hoje, você pode abrir os livros de Nildão, que você vai ver cada desenho, cada figura,

cada personagem, que mostra a realidade daquela localidade através dos seus desenhos.

(PM) [homem com chapéu] 05:25: Então, eu fiquei confuso aqui com a coleção completa das obras do Nildão, que acho que vi só um terço dela. Não sabia que ele era tão profícuo, sabia que ele era profícuo, mas não tanto assim, fiquei com inveja, com ciúmes dele.

(PD) Dona Ana desenhando

(V.O) DONA ANA: Acompanhei todos os lançamentos que ele fez na maior euforia, eu era a primeira que festejava os livros do Nildão, chegava na hora e ficava ali em todos os momentos. Nildão nasceu em uma cidade da Paraíba, chamada Monte Horebe.

(V.O) NILDÃO: Nos saímos do interior da Paraíba, em Monte Horebe, e meu pai veio se estabelecer com a família em Jacobina, que é no Piemonte da Chapada.

(V.O) DONA ANA: Era um menino que brincava, ele não era um menino parado no tempo.

(V.O) NILDÃO: Então a gente tinha uma liberdade enorme, era uma cidade pequena e a gente se divertia muito nos rios, serras, né.

(V.O) DONA: Uma vez se perdeu na serra e eu fiquei maluca na cidade; eles saíram para andar, ver alguma coisa e ficaram se afastando da cidade.

(V.O) NILDÃO: A gente acostumado a ver filme de aventura no cinema, a gente começou a gritar de lá: Socorro! E o pessoal lá de baixo falou, olha socorro, devem ser os filhos de Dona Socorro, que é a minha mãe. Aí foram lá dizer a ela, tem um pessoal chamando a senhora lá na serra, Socorro, Socorro.

(V.O) DONA SOCORRO: Aí ele se criou até os sete anos em colégios particulares, estudando.

(V.O) NILDÃO: A maneira que eles tinham para que nós nos destacássemos era através dos estudos então eles investiram muito na gente, nos colégios que a gente estudou, tanto é que logo no ginásio, eles nos mandaram para o colégio interno Senhor do Bonfim.

(PM) NILDÃO: Eu fiquei no colégio Marista durante quatro anos, e depois nos mandaram para o colégio interno, aqui no Dois de Julho, aqui em Salvador.

(PM) RENATO DA SILVEIRA: Ele começou a desenhar já adolescente, com quatorze ou quinze anos, então ele não a habilidade daquele que começou a desenhar quando criança. Toda criança desenha né, mas, tem umas que não param nunca.

(PM) DONA ANA: Mas ele fazia muito desenho, em parede, em porta, eu chegava e ele tava escrevendo, era com batom, era com um lápis, era com caneta, era com o que aparecesse, ele sempre estava desenhando.

(PM) RENATO DA SILVEIRA: Ele desenhava e apagava, ele dava um traço e apagava. O que ele queria desenhar anatomicamente, perfeito e tal, e a solução para ele não era isso.

(PM) NILDÃO: Eu sempre digo que desenhar para mim, durante um certo período, foi carregar pedras. Hoje não, hoje eu descobri uma maneira de desenhar que eu não preciso mais ficar me policiando: Poxa você tá fazendo errado, poxa você tá fazendo certo. Não, o importante do desenho é o fluxo, é como falar, como dançar, é você ir no fluxo do desenho, sem ficar com o consciente te dizendo que você tem que ser assim, ou você tem que assado, você vai para frente, sem julgamento.

(PM) DONA ANA: Fizeram vestibular, cada um seguiu o seu caminho. O meu primeiro filho fez medicina, e Nildão fez também somente por que viu o irmão fazer, aí passou em medicina.

(PM) NILDÃO: Meus pais permitiram que eu largasse medicina, no segundo ano, no segundo semestre de medicina, por que eles já tinham um outro irmão meu que fazia medicina, então meu outro irmão foi um espécie de boi de piranha com relação a fazer medicina, tendo um já bastava para família, então o outro poderia ser outra coisa.

(PM) DONA ANA: Eu não achei nada demais, eu achei muito natural e disse para ele o que você escolher, eu estou com você.

(PM) NILDÃO: Então eu pude fazer a escola de comunicação sem nenhum problema e acho que foi muito legal para mim ter optado por isso.

Trav lateral sobre quadrinhos.

(V.O) NILDÃO: A minha irmã, estudava próximo de um jornal na cidade, então um dia eu mandei alguns trabalhos e disse, olha entrega lá ao editor e diz a ele o que ele acha disso, aí o cara disse, diga a ele que venha aqui. Aí ele disse, acho legal, quero publicar algumas coisas suas, mas, eu não tenho dinheiro, o que posso fazer é fazer uma permuta, você

vai numa casa de material de desenho e compra, pega algumas coisas em nome do jornal e o jornal termina anunciando, fazendo uma permuta, aí eu fui aos pítons e comprei umas vinte folhas grandes de scholer alemão de primeira, não para explorar, mas por que o cara me deu liberdade para isso... Nanquins, penas, pronto, a partir daí eu comecei a publicar nesse jornal.

(PM) CAU GOMES: Ele não usa do recurso da caricatura, propriamente dita, que busca suprimir um nariz, aumentar uma orelha, ele consegue, ao mesmo tempo, fazer uma caricatura de qualquer pessoa e ser muito, muito, hilariante.

(PM) GUTEMBERG CRUZ: A caricatura foca uma pessoa para deformar, ou seja, mostrar a alma daquela pessoa. O cartum vai muito mais além, mais livre e corrosivo.

(PM) CAU GOMES: Ele consegue apresentar os seus cartuns com caricaturas do gestual das pessoas, da maneira com que as pessoas se vestem, o jeito que a pessoa reage, as expressões dos bonequinhos dele.

(PM) GUTEMBERG CRUZ: Nildão nunca media esforços de fazer uma crítica corrosiva aos poderosos, não mostrando as caras dos poderosos, e sim o resultado daquela força do poder, no povo.

(PM) NILDÃO: Foi a partir desse jornal que o Lage, o cartunista da tribuna, me citou um dia, de que tinha um cartunista novo aqui na cidade que seria interessante. A partir daí foi uma referencia para que eu começasse a fazer cartum, foi esse estímulo do Lage.

Animação dos cartuns

(V.O) NILDÃO: O salão de Humor de Piracicaba, ele foi criado justamente no período da ditadura, e como eu não conhecia o salão e era um salão internacional.

(PM) NILDÃO: Ele tinha uma participação de vários países do mundo, eu mandei o trabalho e resolvi conhecer o Salão de Humor, me surpreendeu, por que quando eu cheguei lá, procurando o meu para saber se o meu cartum estava selecionado, eu me deparei com o meu cartum, não só selecionado como com uma tarja embaixo indicando premiado. Isso para mim foi uma surpresa que me tirou do chão no momento.

Animação dos cartuns

(V.O) NILDÃO: A partir daí eu fiquei freguês do Salão e comecei a mandar, então eu ganhei uma sequência de quatro,

não me lembro, de quatro a cinco prêmios do Salão de Humor de Piracicaba, e logo depois o pessoal já sabia quem eu era, que eu já tinha sido premiado várias vezes, eles passaram a me convidar para fazer parte do júri, eles passaram a incluir, inclusive, esse cartum do primeiro prêmio que eu ganhei no Salão de Humor no livro que eu lancei na Literarte, "Me segura que eu vou dar um traço".

(PM) NILDÃO: Ele tratava muito dos cartuns do final da ditadura militar. Eram alguns cartuns que tinham um certo peso, que tinham uma certa densidade, por que eles estavam tratando do momento que a gente vivia, um momento político.

(FF) Livro "Me segura que vou dar um Traço" sendo folheado.

(V.O): Ele é para mim existencialista, acima de qualquer coisa, a indignação, essa coisa de tomar as dores dos menos favorecidos, digamos assim.

(PM) GUTEMBERG CRUZ: Eu tinha um clube de histórias em quadrinhos desde 1967, quando eu tinha 13 anos de idade, por que na época os quadrinhos eram tidos como subliteratura. Gutemberg desenhando

(V.O) GUTEMBERG CRUZ: Então fundei um clube de quadrinhos e lancei um suplemento chamado Na era dos Quadrinhos.

(V.O) NILDÃO: E ele queria reunir as pessoas, para fazer alguma coisa relacionada com quadrinhos, então ele começou a convidar as pessoas, o Lage e a mim, foi aí que a gente se conheceu.

(V.O) Gutemberg Cruz: Nós fizemos uma arte de resistência.

(V.O) NILDÃO: A gente se reunia todos os sábados para discutir o que nós iríamos fazer. O Lage trabalhava na Tribuna e decidimos fazer um suplemento de humor na Tribuna da Bahia e o Lage levou a ideia para direção e a direção abraçou na hora essa ideia. A coisa já começou dando problema, por que faltando duas semanas para lançar a coisa, a gente resolveu fazer uns pequenos anúncios para colocar na capa da Tribuna da Bahia...

(PM) NILDÃO: Anunciando que o nosso suplemento ia chegar ali, dentro de alguns dias, e aí por erro, ou por malandragem do diagramador...

Imagens de arquivo do jornal ilustrando o depoimento.

(V.O) NILDÃO: O Lage fez uma ilustração e a manchete naquele dia era o seguinte: "Geisel fala hoje a nação" e do lado tinha um vaso sanitário dizendo "A coisa vem aí"...

(PM) NILDÃO: E veio, no dia seguinte a polícia federal estava na Tribuna perguntando que história era essa que a gente tinha contra o Geisel.

(PM) Gutemberg Cruz: E deu no que deu, prendeu todo mundo: Nildão, eu, Lage, e na hora que me prenderam eu falei assim, os caras falaram assim: fale quem são seus comparsas, e eu digo, o Batman, o Super Homem, e os caras iam falando assim, ele está falando em linguagem cifrada.

Imagens de "A coisa".

(V.O) NILDÃO: A memória que eu tenho é que eram um grupo de pessoas bastante unidas, aguerridos no que queriam fazer, principalmente o cartum, a história em quadrinhos. Ali foi um território de exercício permanente de trabalho e isso que a gente fazia durante quase um ano.

(PM) Gutemberg cruz: Depois a censura caiu em cima e nós tivemos que reduzir para uma página.

(PM) NILDÃO: Acho que o processo de censura aqui no Brasil ajudou muito a gente a desenvolver uma linguagem de sutileza, uma coisa assim onde você poderia ler nas entrelinhas.

Nildão caminha pelo Rio Vermelho.

(V.O) Nildão: Fui fazendo cartuns para sindicatos, para entidades para movimentos, mas eu queria fazer mais alguma coisa, aí um dia eu saí, fui à praia dar uma caminhada e tive a ideia, a seguinte ideia...

(PM) Nildão:...As pessoas dizem que o baiano é um povo bem humorado por que eu não faço um livro de humor sobre a maneira do baiano funcionar? Aí eu tive essa ideia em Junho mais ao menos, em Julho, e da maneira que eu sou, um pouco obsessivo, bastante obsessivo (risos) eu comecei a pensar sobre o tema e a desenhar e fazer os originais, e quando foi em Dezembro eu estava com o livro pronto, com título já definido, chamado Bahia, Odara ou desce.

Imagens do livro Bahia, Odara ou Desce.

(V.O) Gutemberg Cruz: A visão dele de baianidade ultrapassada, mas não era aquela baianidade folclórica, estereotipada, mas o baiano trabalhador, aquele cara que sofre para ganhar um dinheiro.

(V.O) Nildão: É bom lembrar que esse material todo foi feito com aerografia, não tinha computador na época, então tinha que fazer o recorte de tudo isso para poder colocar a cor lá por cima, depois tinha que fechar a cor de cima e abrir a de baixo (mostrando uma figura) fechando todos esses detalhes para não cair tinta por cima.

(PM) Nildão: Não tinha Xerox colorida, então eu tinha que mandar os originais para as pessoas avaliarem se eu fazer

aquele trabalho ou não, se iam patrocinar ou não, resultado é que eu passei cinco anos com esse material na mão e não aconteceu nada. Cinco anos depois, uma empresa do Polo resolveu patrocinar esse livro, e esse livro aborda essa coisa da Bahia, só que cinco anos depois quando eu lancei, eu já não era mais o cartunista que falava da Bahia, eu era um grafiteiro que tava na rua fazendo grafite, dizendo coisas inadmissíveis.

(PM) Cau Gomes: Ele me contou toda fase dele de grafiteiro, e eu fiquei assim, bastante empolgado, por que eu acredito que a gente não tem que ficar preso só uma plataforma.

(PM) Dona Ana: Foi, ele andou fazendo isso, quando jovem, e foi justamente quando começaram a perseguir, por que não queriam, aí eu fui do contra, aí não.

(PM) Giovanni Soares: Eu só ficava depois imaginando Nildão né, na calada da noite, pegando um spray, pichando as ruas de Salvador, e no outro dia todo mundo comentavam, saia no jornal, em outros lugares...

(PM) Renato da Silveira: Nildão fazia notícias, botava notícias, frases corrosivas, bem contundentes, por exemplo, "dia das mães dê um vibrador de presente" (risos). Eram grafites que meio que escandalizavam. Aí nos começamos a trabalhar juntos.

(PM) Nildão: A gente dizia nos muros o que a gente não podia dizer nos jornais aqui que eram muito conservadores.

INsert Imagens animadas das Pichações de Nildão.

(V.O) Renato da Silveira: Era uma coisa assim para tumultuar a cabeça das pessoas por que o que agente via era que Salvador tava muito acomodado.

(PM) Renato da Silveira: Fizemos inclusive um livrinho onde boa parte dos grafites é dele depois nos fizemos uma segunda parte que são grafites nossos.

(PM) Nildão: E produzi esse livro razoavelmente tosco (Nildão mostra o livro), feito com capa de papel de sapateiro e impressão em serigrafia, aí eu coloquei o material que andei colocando nas ruas: "O quem não risca não petisca". O próprio cachorro correndo, eu já tinha feito ele na rua, bem grande. Insert Nildão desenha.

(V.O) Nildão: Ele tinha um conhecimento que eu não detinha que era o conhecimento gráfico, ele tinha um conhecimento muito grande de tipologia, de fontes, de design, de impressão e eu fui aprendendo, e serigrafia, coisas que eu não tinha.

(V.O) Renato da Silveira: A gente começou a engatar mesmo, foi com o sucesso do Chiclete com Banana.

(PM) Nildão: Bel começou a namorar com a minha irmã, com um tempo ele tinha uma banda com os irmãos, que era uma banda de baile, como eu falei, chamada Scorpions, e ele queria mudar o nome, (Insert imagens de arquivo Bel), queria uma coisa melhor; Parti dessa premissa de brasileiro industrial, americano e brasileiro tropical, Chiclete com Banana e até disse a eles que no futuro eles seriam chamados de Chiclete.

(PM) aí ele foi no meu ateliê, o ateliê meu era aqui na Vila Matos, eu tava já como cartunista na Vila Matos, aí ele disse o que você acha dessa capa? Eu disse não tem nada a ver com o Chiclete com Banana. Chiclete com Banana, estação das cores, e uma coisa assim meio oriental... Isso aí não tem nada a ver. Aí ele falou assim, então eu vou viajar Domingo, vou pegar um ônibus Domingo para São Paulo, se você quiser fazer, você faz outra e se tiver pronta aqui Domingo de tarde, eu passo aqui por que eu vou viajar de noite. Aí sábado eu meti bronca, domingo a capa tava pronta, (insert imagem da capa do disco) ele levou fez a capa que era um cartum desenhado, uma coisa que eu fiz.

(PM) Renato da Silveira: Nildão já tinha feito duas capas pro Chiclete com Banana, mas em cima da perna, por que o Chiclete com Banana era uma banda de batalha, quando eles conseguiram um bom contrato com a Continental, com uma distribuição nacional, aí Nildão precisava fazer uma capa mais profissional. Eu já era designer gráfico, aí ele me chamou e a gente começou uma colaboração mais extensa. Terminamos fazendo 14 capas do Chiclete com Banana, por 14 anos.

(PM) Nildão: E ali a gente foi afinando o discurso visual e gráfico entre o trabalho dele e o meu. Eu fui criando um jeito novo com o aprendizado com ele.

Insert Capas dos discos do Chiclete com Banana.

(V.O) Nildão: A gente tinha total liberdade, o pessoal não interferia não.

(V.O) Renato da Silveira: A gente usava a capa da frente pro Chiclete com Banana e a capa de trás para nos, nos botávamos os nossos produtos, a gente fazia grafite naquela época.

(PM) Nildão: Hoje eu lembro de uma época que a gente foi fazer uma capa, e eles já tavam fazendo sucesso, e a gente ganhava razoavelmente bem fazendo as capas.

(PM) Renato da Silveira: Na medida que eles começaram a fazer sucesso, eles começaram a melhorar nosso pagamento.

(PM) Nildão: Nos chegamos para eles, os dois que não sabíamos ganhar dinheiro, e dissemos assim para eles... eles disseram quanto é a capa de vocês? Que eu vou falar com o cara da produtora para pagar a vocês, quanto e a capa? Aí a gente falou assim, vamos supor, seis mil, aí ele falou tá legal, então eu vou pagar doze. Então tinha essa coisa, ele já percebia que o Chiclete estava em evidencia e nos também tínhamos que acompanhar o sucesso dele.

Imagens Nildão escrevendo

(V.O) Nildão: O próprio desafio em si já é difícil, por que eu já não faço grafite a muito tempo.

(PC) Nildão: Não é o grafite escrito das palavras me ensinou a ser sintético (insert escrevendo) para que minha comunicação se expressasse de uma maneira intensa e curta, por que afinal de contas as pessoas estão em deslocamento quando passam diante de um muro. Eu acho que dessa sequencia

aqui a gente já pode tirar uns dois ou três que dá pra fazer um grafite bem bacana, tomara inclusive que as pessoas compartilhem no dia a dia de duas vidas, a minha intenção é justamente essa.

Vinheta de Passagem. 00:24:11

Bloco 02

(Tilt PG) fachada e entrada do restaurante Ramma. (Trav. Out jardim interno). Nildão entra no restaurante, serve-se come.

(V.O) Nildão: Alimentação natural para mim foi a salvação, eu era uma pessoa um pouco mais pesada, eu pesava quase 80 quilos, hoje eu peso 68. Desde 1980 eu passei a ter uma vida mais equilibrada em relação à saúde, depois eu fui convidado pela proprietária que era a Lucy para ser sócio dela.

(V.O) Renato da Silveira: Então Lucy cuidava do restaurante e Nildão transformou aquilo ali em um centro cultural.

(V.O) Nildão: Nos criamos o centro cultural Ramma, que tinha várias atividades, exibição de filmes, mostras; era um espaço também de exposições, lanchonete, restaurante, cursos.

(V.O) Renato da Silveira: Rapaz era um lugar maravilhoso, era um centro cultural extremamente dinâmico. Utilizava o espaço que tinha, que era um casarão, para fazer exposições, para fazer shows. A moçada antenada que gosta de cinema sempre sabia que lá ia ter um filme interessante.

(PM) Nildão: Lucy se apaixonou, foi morar na Califórnia e eu fiquei sozinho tocando isso aqui, justamente na época do período do plano Collor.

(PM) Dona Ana: Ele teve um pouco de dificuldade com o Ramma, por que ele não é comercial. Nildo é uma pessoa que nasceu para arte, para o que ele faz, comercial ele não dá, não dá para comercial.

(PM) Nildão: Como administrador eu sou um bom artista.

(PM) Renato da Silveira: Então, o lado cultural ele não tinha muito tempo para cuidar, e com isso tinha que cuidar de problemas administrativos, de resolver pepino na cozinha...Eu nunca vi Nildão tão triste feito nesse período.

(PM) Nildão: Mas consegui manter por um certo tempo, depois eu passei a sociedade, passei o negocio para Marina, que hoje é uma pessoa que administra de uma maneira muito competente, e até hoje sou frequentador, faço a parte de comunicação também do Rama.

Insert Cau Gomes desenhando.

(V.O) Cau Gomes: Acho que é legal você se deparar com um sujeito desses, que se permite parar, respirar, se alimentar bem e transformar o ócio numa coisa definitiva, uma coisa criativa, uma coisa que tem uma carga de respeito. Hoje eu vou acordar e vou me dedicar a ser e respirar, essa coisa, às vezes você nem percebe que tá respirando, em ser quem você é. Essa coisa de tá o tempo todo linkado, respondendo email. Ter que tá o tempo todo antenad, ativo né. *(Entra musica de fundo)*. Cara que se programa, gosta muito de caminhar, contemplativo.

(PM) Cau Gomes: Que adora contemplar a vida, o cotidiano, isso é a grande história dele.

(PM) Nildão: Meu processo criativo, ele é permanente. Eu faço e fico ligado em tudo que tá rolando no dia a dia, anotando coisas, leio jornais, fico olhando o que é que tá apontando como referência, leio livros, fico buscando alguma frase que é um disparador de ideia (Insert Varanda) e coloquei na minha vida, que foi decretado um feriado, que são as quartas-feiras. Nas quartas feiras eu não atendo telefone, muito raramente eu recebo meus pais, que já são muito idosos, então eu tenho que ficar ligado neles, ou das minhas filhas...

(V.O) Giovanni Soares: Que ele tira o dia para ele não fazer nada, e não fazer nada para ele, às vezes, é muito produtivo por que ele fica pensando e tal, tomar uma cervejinha e tal.

(V.O) Renato da Silveira: Para quem trabalha sozinho, individualmente, esses momentos de solidão são muito importantes. É daí que surgem as grandes ideias.

(PM) Guto Lacaz: Para fazer uma piada, você faz sem querer, mas as vezes é um longo processo de maturação de uma ideia de observação, as vezes demora dez anos para você chegar na frase, lapidar.

(PM) Giovanni Soares: Ele não se conforma com a primeira ideia. Se é fazer um livro com quinhentas palavras, ele faz com mil e quinhentas, duas mil, três mil... ele deixa muita coisa do lado de fora.

(PM) Nildão: Coloco musica, tomo uma cerveja, boto livros a disposição e fico ali me provocando, vendo muita imagem também no computador, e buscando referencias que me estimulem no dia a dia, ai eu vou fazendo, vou anotando, vou criando, depois no decorrer da semana, eu vou fazendo o refinamento e burilamento da linguagem, isso é que me interessa.

Nildão andando pela Barra até que senta para desenhar (rock n' roll de fundo.

(V.O) Nildão: Eu tenho desenvolvido uma lógica de trabalho cada vez mais leve, mais lírica, mais poética, mais doce até, eu até brinco que meus trabalhos são tão doces que diabéticos não podem ler, e eu percebo que é justamente isso que estamos precisando nesse momento. Eu emprestei dinheiro a um cara de uma gráfica que eram dois irmãos que tinham uma gráfica muito grande, quando chegou num certo momento a empresa deles começou a degradingolar, e eles...

(PM) Nildão: Tiveram dificuldades em me pagar e foram me dizendo assim, olha a gente não tem como lhe pagar o que a gente ta lhe devendo, mas se você quiser, como a gente é gráfica, o que a gente pode é editar material seu. (Insert trabalhos de Nildão)Então parti da ideia que eu poderia editar material meu. Primeiro eu fiz um livro em forma de caderno, que se chama "Ivo viu o Obvio".

Nildão mostra livrinho.

Nildão: Foi o que eu resolvi fazer nesse livrinho " Poesia Remedio contra Azia- via oral" tem uma estética intencional de sugerir como se fosse embalagem de remédio. Eu abro o livro de poesia como se fosse uma alçar cetiza, para que passe a azia através da poesia. (insert pagina da poesia) "A paz é filha da trégua, o passo é filho da légua e o ego é filho da égua". (entra musica de fundo, enquanto Nildão passa paginas em Slow motion).

Time lapse orla. Nildão Grafitando.

(V.O)Nildão: Agora é encarar mesmo o muro e ver se consigo fazer sem erro também, por que não dá para você...se você errar errou. Na rua não dá para você ficar errando e apagando, na rua não tem borracha.

(PM) Giovanni Soares: Mesmo quando ele trata só com as palavras, ele procura fazer de um jeito que entra o design, um detalhe. Ele sempre tem, a imagem para ele é muito importante. É muito forte. (Insert Giovanni desenhando entra rock n roll de fundo) Então ele vai e volta nessa coisa. Tem período que os trabalhos dele são todos com cartum e tem outro que ele faz poesia... Minha família foi morar em jacobina e os pais dele tinham uma loja, uma loja de tecidos, umas coisas assim, e o pai dele alugava uns apartamentos em cima, e meu pai alugou um apartamento desses, então a gente se conheceu muito criança.

(PM) Giovanni Soares: Passaram se muitos anos, um dia, eu reencontrei ele no Ramma, o restaurante natural. Ele já não era mais dono do Ramma.

(PM) Nildão: Ele me perguntou o que eu tava fazendo, eu falei que já tinha feito alguns livros e mostrei para ele o livro "Bahia, Odara ou Desce", que é um livro da Bahia.

(PM) Giovanni Soares: Eu tava procurando fazer uma ideia, uma coisa diferente, para fazer uma campanha para a Bahiatursa, para Bahia, por que a agencia atendia o governo do Estado da Bahia, e uma das contas que os profissionais da agencia gostavam muito de fazer esse trabalho era para Bahiatursa que era vender a Bahia como um lugar turístico é uma coisa sempre interessante.

(PM) Nildão: Quando ele viu logo, o faro publicitário de uma pessoa criativa, ele disse: rapaz isso dá para fazer uma campanha publicitária.

(PM) Giovanni Soares: Quando eu olhei o livro assim, eu disse, pô! Como é que nos vamos fazer uma campanha de turismo mostrando humor, sem mostrar imagens belas que a Bahia que tá aí. A Bahia é muito icônica, que ela é um ícone todo mundo sabe, do mar da Bahia, da praia da Bahia, da igreja da Bahia. Então, a gente resolveu mostra tudo isso de uma forma diferente.

Insert comerciais da campanha da Bahiatursa numa tevê.

(PM) Giovanni Soares: Na época Antonio Carlos mandou encerrar, cortou os anúncios do governo da Bahia na revista Veja, só que o anuncio já havia sido liberado.

Nildão mostrando o rascunho

Nildão: Inclusive teve um publicitário baiano muito influente aqui que criticou a campanha por que ele mostrava a Bahia com chuva, quando na realidade ele não entendeu que o que ele tá mostrando não é a Bahia com chuva, é a Bahia que acolhe. A Bahia que lhe protege. A Bahia que lhe recebe. E essa campanha foi vitoriosa, e essa para mim foi uma grande satisfação.

(PM) Giovanni Soares: Esse anuncio saiu na Veja, inscrito no Prêmio Abril de Publicidade, e esse anuncio ganhou o Granpri, o prêmio Maximo, e eles deram na época três mil dólares, passagem em primeira classe para gente ir para Paris, festival de Cannes.

(PM) Nildão: Daí nos fomos, como esse cartaz, para o festival de Cannes.

(PM) Giovanni Soares: Rodamos todo o sul da França, fomos pra Vance, San Paul de Vance, Nisse, Monaco, aprecemos no festival dia nenhum, só para algumas festas assim que a gente ia, mas, a gente ficou curtindo lá o sul da França, foi muito interessante.

Insert Comercial da Campanha.

(PM) Nildão: No dia oito de Dezembro, que é um feriado aqui na cidade, eu resolvi fazer um Hai-kai de cidades associadas com água, e ai escrevi um hai-kai, assim, que diz o seguinte: "Em Canoas nasceu, Entre Rios sempre vivera, Morreu em Afogados da Ingazeira".

(PM) Giovanni Soares: É uma poesia cartográfica citadina.

(PM) Nildão: Eu descobri que nas 5565 cidades brasileiras, que a gente tinha uma fortuna de nomes estranhos, poéticos, esdrúxulos, absurdos, das cidades brasileiras.

(PM) Renato da Silveira: A partir dali ele foi fazer, ele fez uma espécie de poema com os nomes dos municípios, que é simplesmente genial.

(PM) Nildão: Terminou resultando nesse trabalho "Alegria Passa-e-Fica". Alegria é uma cidade do Rio Grande do Sul e Passa-e-Fica é uma cidade do interior do Rio Grande do Norte. Um Oiapoque o outro Chuí e você tem a sonoridade "alegria pacífica".

Insert poemas do livros.

(V.O) Renato da Silveira: É uma contribuição importante para aumentar nossa brasilidade, por que depois que eu li aquilo ali eu fiquei mais brasileiro.

(V.O)Guto Lacaz : EU gosto de tudo, da composição margeando a direita, com essa pagina em branco. Ele é um bom editor também, ele sabe transformar o trabalho dele em livros e edições né. Para você Nildão.

Guto Lacaz desenha ilustração.

Guto Lacaz: O Nildão é o cara dos sete instrumentos, então ele tem sete mãos. *(conta os braços do desenho)*. Aqui ele tem um lápis, aqui ele tem um mouse, aqui ele tem uma tesoura, aqui ele tem um pincel, aqui ele tem um estilete, aqui ele

tem as letras, aqui ele tem uma lupa, que é muito importante para ele enxergar as coisas que ele vê. Nildão. Sete Mãos. E a cabeça dele é um espiral constante. Um turbilhão de ideias. Pronto. Guto Lacaz. Viva o Nildão!

Guto Lacaz apresenta o livro

Guto Lacaz: Ah! Esse aqui é o Drops Pops, esse foi o que eu fiz a resenha. Eu chamei esse de um coquetel molotov, por que o Nildão sempre joga uma bomba de alegria em cima da gente.

Nildão apresenta o livro

Nildão: É o livrinho gráfico que eu gosto muito, vermelho e preto, as cores de Exu. Um livro com um formato já postal. Sai daquele formato pequeno e fui para um formato mais postal.

(PM)Guto Lacaz: Nessa edição, que é o Drop Pops, ele vai brincar com os ídolos, os anti-heróis da mídia, e vai reapresenta-los.

Insert Imagens do Drop Pops.

(PD no livro) Guto Lacaz: A famosa bandeira do Helio Oiticica, "seja marginal, seja herói" é um ícone muito difícil de mexer que isso é meio sagrado em artes plasticas.

(Frente a uma tela)Nildão: Acho que o mundo já ta cheio de marginais nesse momento, então eu acho que ser original vai ajudar muito mais nosso planeta nesse momento. Eu botei ele voando com a capa como se fosse um super herói.

(mostrando livro) Nildão: Esse projeto aqui que eu fiz com o Renato da Silveira, que é a coleção de santos " São será o Benedito e outros santos geneticamente modificados".

(PM) Renato da Silveira: Nos fizemos isso para desobstruir a pauta da igreja católica. Por que os santos estavam muito solicitados, muita gente queria ajuda dos santos, então nos inventamos nossos santos, novos santos, para poder desobstruir a pauta.

Insert imagens do livro

(V.O) Nildão: Essa coleção é uma coleção em postais. São vários postais.

(V.O) Renato da Silveira: Nos fizemos isso por que na verdade eu tinha uma vingança por que eu sofri, eu fui de uma família fundamentalista e sofri um educação altamente repressiva que me criou muita dificuldade na vida.

(V.O) Nildão: Tenho problema com a igreja por que foi ela que me ensinou o sentimento da culpa. Até antes de conhecer a igreja eu não tinha o sentimento de culpa.

(V.O) Renato da Silveira: A gente fazia essas coisas, assim, bem esculhambacionais, mas que circulavam, assim, em circuitos de malucos, de gente antenada, então as pessoas serias, nunca tomavam conhecimento.

(PM) Nildão: Um amigo meu, que foi amigo meu na Facom, Bob Fernandes, me mandou um email me perguntando se eu tinha alguma novidade. Eu disse nos estamos agora terminando, para

preparar o lançamento da coleção de santos, ele falou, gostei dessa ideia, mande para que eu veja o material.

(PM) Renato da Silveira: Bob Fernandes, que tinha o Terra Magazine, lançou na primeira página todos os santinhos, com um link para você chegar lá dentro e ver todos eles.

(PM) Nildão: A partir desse momento, nos começamos a receber, via Terra Magazine, as reações das pessoas que diziam que tinham adorado e outros que tinham odiado, ao ponto de imaginar que nos deveríamos ser empalados.

(PM) Renato da Silveira: Aí um grupo de católicos fundamentalistas de Sorocaba, no interior de São Paulo, acionou o Ministério Público de São Paulo.

(PM) Nildão: Com tanta coisa para se ocupar, eles resolveram entrar no Ministério Público com uma ação contra a gente.

(PM) Renato da Silveira: Aí chegamos lá, eles nos recebem, tudo muito serio, tudo muito grave, senta numa mesa, pega os autos, começa a folhear os autos, e começa a dar risada.

(PM) Nildão: Ai terminou o pessoal do Forum arquivando, por que achou aquela proposta de criminalizar o trabalho da livre expressão e do trabalho de humor, ele terminou arquivando esse trabalho.

Insert Nildão Grafitando o muro (*entra rock 'n roll*).

(V.O) Nildão: Então eu acho que foi instigante esse desafio, por que ele me coloca diante de coisas que eu andei fazendo aqui na cidade, na década de 70 e que eu fazia com uma naturalidade enorme, só que não era durante o dia, era à noite. Eu saía a partir de uma hora da manhã, duas horas da manhã. (encerra com o desafio concluído e pessoas passando em frente ao grafite).

Nildão sentado na varanda de casa trabalhando.

(V.O) Nildão: Para mim o tempo é a capacidade do amadurecimento, eu costumo dizer que...

(PM) Nildão: A velhice nos proporciona paciência para suportar a velhice.

(V.O) Nildão: Agora com relação ao futuro, eu quero continuar tendo essa disciplina que eu tenho. A minha lógica é continuar fazendo, ano após ano, ou seja um livro, ou seja um projeto novo, eu já tenho coisas novas. O tempo me ajudou a reforçar o sentimento de desejo e de fazer o que eu gosto. Você tem que fazer o que você gosta. O trabalho não pode ser uma coisa, onde você larga como se fosse um bicho e agarra. Eu vou largar às cinco da tarde. Trabalho é uma coisa que você tem que ter vontade de voltar no dia seguinte, ou que você tem que ter vontade como eu, de no dia seguinte, chegar logo de manhã cedo para que eu volte para o meu trabalho, por que eu descobri uma coisa nova ali e aquilo tá me dando o maior tesão.

(PM) Nildão: Trabalho é tesão, é uma maneira de fazer com que sua vida flua de maneira feliz e interessante. Sobem credits.

